



**Bolsa lança
novo cadastro
de negócios com
algodão em pluma**

Páginas 6 e 7

Haroldo Cunha é indicado para a presidência executiva do IBA - Página 3

Conselho de Ética do Algodão avalia situação do mercado - Página 4

Cresce a participação das mulheres no agronegócio brasileiro - Página 5

Algodão em Nova York: dezembro de 2010 atinge US\$ 1,00/libra-peso, maior nível em 15 anos

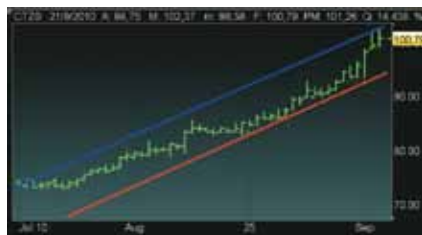
Um evento raro de ser visto na tela de acompanhamento dos contratos futuros de algodão na Bolsa de Nova York: preços acima de US\$ 1,00/libra-peso, ou US\$ 100,00 cents/libra-peso, o que é a mesma coisa.

A última vez que o mercado viu algo parecido com isso foi em fevereiro de 2008, quando o contrato de vencimento em maio/08 ultrapassou a barreira dos US\$ 90,00 cents/libra-peso, mas de forma efêmera. Porém, fechamento mesmo acima de US\$ 1,00/libra-peso, só aconteceu pela última vez em 1995.

O que isso quer dizer? Em 15 anos, apenas em duas oportunidades os preços fecharam acima de US\$ 1,00/libra-peso, e em apenas três fecharam acima de US\$ 90,00 cents/libra-peso. Então, é algo que não acontece com frequência.

O cenário atual no mercado internacional de algodão é de euforia entre os produtores e noites de insônia entre algumas indústrias têxteis. Porém, aquelas que montaram "hedge" (trava de preço) e estão "compradas" de alguma forma (futuros, opções ou mercado a termo) encontram-se relativamente tranquilas.

Voltando aos fatores extraordinários que estão fazendo os preços do algodão ir a níveis recordes, temos: consumo aquecido na Ásia,



principalmente China; perdas na safra do Paquistão, por conta do excesso de chuvas; perdas na safra da Índia, pelo mesmo motivo, e agora possíveis perdas também em algumas regiões produtoras do noroeste da China. Somando todos estes fatores, e mais a especulação normal, temos os preços acima dos US\$ 1,00/libra-peso. Ou seja, tem muito boato no mercado. Boatos que alimentam a especulação e a euforia.

Para quem tem uma propriedade rural para gerir, produzir e garantir preços que coincidam com as metas traçadas, especulação e euforia são coisas que tem que ser pesadas cuidadosamente. Não é porque o mercado está eufórico que o produtor também tem que ficar.

O fato é que, neste momento, os preços de venda indicados para entrega no ano que

vem estão realmente muito atraentes. A recomendação aqui é a mais clara possível: o produtor precisa aproveitar o atual momento eufórico e vender uma parte considerável da próxima safra, e até mesmo alguma coisa da safra 2012, se possível.

Há diversas possibilidades de travar os atuais preços para venda de algodão. A primeira é o mercado a termo, entre produtores e indústrias ou tradings. Há também operações de "barter" (troca) muito interessantes no mercado. Outra estratégia muito recomendada é vender contratos futuros na Bolsa de NY, o que exige a intermediação de um corretor que opere na Bolsa americana.

O mercado de opções é uma possibilidade muito boa e muito inteligente. Há muitas alternativas. Ele se encontra em uma claríssima janela de oportunidade para os produtores. Janela esta que só se abriu da mesma forma por outras duas vezes nos últimos 15 anos.

Miguel Biegai Jr é Analista de Mercado de Algodão e Bioenergia há 12 anos pela SAFRAS & Mercado

ABRAPA EM AÇÃO

01/09

- O presidente da Abrapa representou a Associação na reunião de implantação do Sistema de Informações de Negócios com Algodão em Pluma (Sinap), na Bolsa Brasileira de Mercadorias, em São Paulo.

- Representantes da Abrapa se reuniram, em São Paulo, para tratar das estratégias de divulgação do 8º Congresso Brasileiro do Algodão.

13/09

- Representantes da Abrapa e Associações estaduais participaram, em Brasília, de reunião para discutir os itens que comporão o checklist de certificação do Programa Socioambiental da Produção de Algodão (Psoal).

14/09

- Haroldo Cunha almoçou com representantes da Agrobio. Na pauta, os encaminhamentos relativos à aprovação de eventos biotecnológicos no Brasil.

- Reunião Extraordinária do Conselho de Ética do Algodão, em Brasília.

15/09

- O presidente da Abrapa e presidente executivo do IBA participou de reuniões em São Paulo. Na pauta, encaminhamentos para a estruturação do Instituto Brasileiro do Algodão.

17/09

- Representantes da Abrapa e Stap Comunicação se reuniram para dar encaminhamento ao programa estratégico de comunicação da Abrapa.

20/09

- Christopher Barry Ward representou a Abrapa na reunião do SEEP (Panel on Social, Environmental and Economic Performance of Cotton Production), durante a 69ª Plenária do ICAC, em Lubbock, Texas, EUA.

- João Luiz Ribas Pessa representou a Abrapa na reunião do PSAP (Private Sector Advisory Panel), durante a 69ª Plenária do ICAC, em Lubbock, Texas, EUA.

21/09

- Haroldo Cunha participou da 1ª Sessão aberta da 69ª Plenária do ICAC, como comentarista das exposições de Wallace

Darneille e Allan Williams. A palestra teve como tema "Resource Constraints and Cotton Production: Sustaining Cotton's Place in the World Market".

22/09

- João Luiz Ribas Pessa representou a Abrapa/Brasil na reunião da força tarefa do CSITC (Task Force on Commercial Standardization of Instrument Testing of Cotton).

24/09

- Christopher Barry Ward representou a Abrapa na 5ª Sessão aberta da 69ª Plenária do ICAC. A sessão tem como tema "How to lower the cost of cotton Production".

- A Abrapa participou do Workshop Biotecnologia, Regulamentação e Negociações Internacionais, promovido pelo Ícone, CIB e a Divisão de Comércio Exterior do Departamento do Agronegócio da Fiesp, em São Paulo.

30/09

- A Abrapa promoveu a Sala de Negociações no Hotel Crowne, durante o jantar em Liverpool.

Expediente



Publicidade mensal ABRAPA - Associação Brasileira dos Produtores de Algodão - Endereço para correspondência: SGAN - Quadra 601 - Módulo K - Térreo - Edifício Antônio Ernesto de Salvo - Asa Norte - Brasília/DF - 70.830-903 - Fone: (61) 2109.1606 - Fax: (61) 2109.1607 - **Haroldo Rodrigues da Cunha**, Presidente; **Eduardo Silva Logemann**, Vice-Presidente e Conselheiro Consultivo; **Sérgio De Marco**, Vice-Presidente; **Gilson Ferrúcio Pinesso**, Vice-Presidente; **Almir Montecelli**, 1º Secretário; **Walter Yukio Horita**, 2º Secretário; **Paulo Kenji Shimohira**, 1º Tesoureiro; **Rudy Scholten**, 2º Tesoureiro; **Sérgio Pitt**, 1º Conselheiro Fiscal; **Darci Agostinho Boff**, 2º Conselheiro Fiscal; **Luiz Renato Zapparoli**, 3º Conselheiro Fiscal; **Mário Maeda Ide**, Conselheiro Fiscal Suplente; **Paulo Henrique Piaia**, Conselheiro Fiscal Suplente; **João Luiz Ribas Pessa**, Conselheiro Consultivo; **Jorge Maeda**, Conselheiro Consultivo; **João Carlos Jacobsen Rodrigues**, Conselheiro Consultivo. **Projeto Gráfico e Diagramação**: Fábio dos Santos ABRAPA - Fone: (61) 2109.1606 - **Jornalistas responsáveis**: Miguel Bueno (DRT 02606/DF), Marcio Vieira (DRT 3037/13/80-DF) e João Carlos Rodrigues (DRT 5178/19/08-RS) - **Coordenação**: Fabiana Feldkircher, Miguel Bueno, Marcio Vieira e Silmara Salvati Ferraresi - **Revisão Ortográfica**: Paulo Henrique Castro - **Impressão**: GH Comunicação Gráfica - Fone: (61) 3344.2666 - Brasília-DF **Tiragem**: 3.000 exemplares.

Conselho Gestor indica presidente executivo do IBA

Haroldo Cunha assume a presidência do Instituto Brasileiro do Algodão



CARLOS RUDINEY/ABRAPA

Conselho Gestor do IBA se reuniu, em Brasília, pela primeira vez

CONSELHO GESTOR

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Titular: Helder Chaves

Suplente: Lúcia Helena Monteiro Souza

Ministério das Relações Exteriores

Titular: Celso de Tarso Pereira

Suplente: Leonardo Carneiro Enge

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Titular: Milton Elias Ortolan

Suplente: Célio Porto

ABRAPA

Titular: Sérgio de Marco

Suplente: Ronaldo Spirlandelli de Oliveira

Titular: Gilson Ferrúcio Pinesso

Suplente: Paulo Kenji Shimohira

Titular: João Carlos Jacobsen

Suplente: Isabel da Cunha

CONSELHO FISCAL

Ministério da Fazenda

Titular: Rafael Rezende Brigolini

Suplente: Rogério Alves de Oliveira

Abrapa

Titular: Inácio Carlos Urban

Suplente: Mário Maeda Ide

Titular: Darci Agostinho Boff

Suplente: Fábio Pereira Jr.

O Instituto Brasileiro do Algodão (IBA), criado por meio do acordo entre o Brasil e os Estados Unidos no contencioso do algodão na Organização Mundial do Comércio (OMC), deve começar a funcionar nos próximos meses. Em sua primeira reunião, o Conselho Gestor do IBA indicou o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), Haroldo Cunha, como presidente executivo da instituição. Com isso, ele já começou a trabalhar na estruturação do instituto.

“Agora, estamos providenciando a contratação de dois diretores para o IBA”, informou Haroldo. A próxima etapa prevê a busca de espaço físico para o instituto e a estruturação da equipe. O passo seguinte será o da definição da estratégia, das regras e dos procedimentos de governança da entidade. Em seguida, serão estabelecidas as normas para apresentação de projetos que receberão recursos do fundo gerido pelo IBA. Em um prazo de três meses, o instituto deve começar a receber os projetos para análise.

O IBA tem como atribuição gerir e aplicar os recursos de fundo criado por intermédio do acordo entre o Brasil e os EUA. Os Estados Unidos se comprometeram a enviar US\$ 147,3 milhões anuais para o fundo administrado pelo IBA até 2012, quando o Congresso norte-americano deverá reformular a lei agrícola e reduzir os subsídios que levaram o Brasil a abrir o contencioso contra aquele país na OMC.

Os recursos administrados pelo IBA se destinam ao fortalecimento da cadeia produtiva do algodão brasileiro. Entre as prioridades do fundo, estão as ações voltadas ao controle, redução e erradicação de pragas e doenças; investimentos em infraestrutura; programas na área socioambiental; cooperação internacional no setor da cotonicultura, especialmente com a África; e promoção do algodão.

Reunião

A primeira reunião do Conselho Gestor do IBA ocorreu em 25 de agosto passado. Estiveram presentes seis conselheiros titulares e seis suplentes. O conselheiro Helder Chaves, secretário-executivo da Câmara de Comércio Exterior (Camex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), disse que o Conselho Gestor vai dar suporte ao trabalho do IBA. “O Conselho Gestor, com uma composição paritária entre governo e iniciativa privada, deverá se guiar pelos princípios da boa governança, de forma que o IBA possa otimizar os recursos a ele destinados, cumprindo os objetivos para o qual foi criado, além de servir como referência para criação de futuras instituições que tenham como objetivo a aplicação de recursos oriundos de controvérsias na OMC.”

O IBA também tem um Conselho Fiscal. O conselheiro Rafael Brigolini, representante do Ministério da Fazenda, explicou como será a atuação do Conselho Fiscal: “O Conselho Fiscal é um órgão colegiado não integrante da administração, ao qual cabe, por meio de sua função fiscalizadora, representar os acionistas, acompanhando a ação dos administradores. O objetivo geral é verificar o cumprimento dos deveres legais e estatutários e defender os interesses das partes. A função fiscalizadora não se limita a verificar a legalidade dos atos, mas envolve todo o nível necessário de informação para salvaguardar o interesse das partes, sem contudo, interferir na própria administração.”

Conselho de Ética do Algodão avalia a situação do mercado

A recomendação é que produtores em dificuldades procurem as tradings

A situação do mercado do algodão no Brasil. Esse foi o tema da reunião extraordinária do Conselho de Ética do Algodão no dia 14 de setembro. Os conselheiros avaliaram as dificuldades pontuais que alguns produtores possam vir a ter para cumprir a totalidade dos contratos de entrega do produto. Por isso, eles decidiram recomendar às associações estaduais que orientem os produtores que venham a enfrentar tal situação que procurem as tradings e outros compradores para buscar um acordo.

O Conselho de Ética do Algodão é formado por representantes da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (Anea), Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit) e da Junta de Corretores. Ele foi criado para ser um fórum de debate e orientação para a cadeia produtiva em momentos que apresentem algum tipo de dificuldade, como a situação da atual safra de algodão do país.

“Durante a reunião foram apresentados alguns casos [de quebra de safra]”, disse o presidente da Abrapa, Haroldo Cunha.

Isso, acrescentou, poderá resultar em eventuais dificuldades no cumprimento da totalidade dos contratos de entrega do produto. Diante desse cenário, o Conselho de Ética recomenda que as associações intervenham nessas situações, procurando dar orientação aos produtores, à indústria e às tradings, a fim de que façam acordos.

“Vamos tentar acelerar esse processo [de identificação dos casos de dificuldade] e intensificar o contato das associações com os produtores para evitar que isso [a quebra pontual da safra] possa causar um problema maior para o setor”, afirmou Haroldo Cunha. Segundo ele, os produtores que venham a enfrentar esse problema devem conversar com as tradings para impedir que essa situação afete as relações futuras.

De acordo com ele, o objetivo do Conselho de Ética é trabalhar para preservar a imagem e a credibilidade alcançadas pela cadeia produtiva do algodão brasileiro, ao longo dos anos, nos mercados nacional e internacional. “Temos que manter o nome e a reputação do Brasil no mercado. Por isso, o Conselho de Ética está agindo de forma proativa.”

Abrapa participa de eventos internacionais

Integrantes da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa) participaram da delegação que representou o Brasil na 69ª Reunião Plenária do Comitê Consultivo do Algodão (Icac, na sigla em inglês), realizada de 20 a 25 de setembro em Lubbock, no Texas (EUA). O evento reuniu especialistas dos países produtores, importadores e consumidores da fibra para avaliar o mercado internacional do produto.

No dia 21, o presidente da Abrapa, Haroldo Cunha, participou, como comentarista, das exposições de Wallace Darnelle e Allan Williams. Eles abordaram o tema “Restrições de Recursos e a Produção de Algodão: o lugar do algodão na manutenção do mercado mundial”. Além de Haroldo Cunha, João Luiz Pessa, Christopher Barry Ward e Andrew Macdonald fizeram parte do grupo da Abrapa que representou o Brasil no Icac.

Durante a reunião no Texas também foram tratados outros assuntos, como a sustentabilidade econômica, social e ambiental do produto.

No dia 30 de setembro, a Abrapa participou da reunião anual da Associação Internacional do Algodão (ICA, na sigla em inglês), em Liverpool (Inglaterra). A entidade instalou uma Sala de Negociações no local do evento para que os representantes das associações estaduais fizessem contratos com as tradings. A Sala de Negociações foi coordenada pelo consultor internacional da Abrapa, Andrew Macdonald.



CARLOS RUDINEY/ABRAPA

Integrantes do Conselho de Ética do Algodão debateram a situação da atual safra

Mulheres conquistam espaço no agronegócio

Cada vez mais, elas ocupam cargos de destaque nas atividades do setor

Nas últimas décadas, as mulheres conquistaram amplos espaços na sociedade brasileira. A participação delas cresce cada vez mais no mercado de trabalho privado e estatal. Hoje, elas chefiam grandes corporações, governos de prefeituras e estados e entidades setoriais e de classe. O agronegócio era um dos segmentos em que as mulheres ainda tinham presença pouco expressiva em cargos de comando, embora historicamente elas trabalhem lado a lado com os homens nas atividades rurais e na agroindústria. Porém, essa barreira também não resistiu à competência e à determinação da mulher brasileira.

Hoje, a maior entidade do setor agropecuário, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), é presidida por uma mulher: a senadora Kátia Abreu. Líder classista combativa, ela fez um longo trajeto até chegar ao comando da CNA. Na segunda metade da década de 1980, presidiu o Sindicato Rural de Gurupi (TO). De 1995 a 2005, ocupou a presidência da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Tocantins. Em 2005, elegeu-se vice-presidente de secretaria da CNA. Em 2008, foi eleita presidente da CNA, tornando-se a primeira mulher a comandar uma confederação representativa de uma atividade econômica.

Em agosto deste ano, as mulheres deram mais um passo para ampliar sua participação no agronegócio. Dessa vez, no setor da cotonicultura, com a eleição de Isabel da Cunha para a presidência da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa). Agricultora atuante, a primeira mulher a comandar a Abapa já definiu as prioridades de sua gestão, tanto para o mercado interno quanto para o externo: “Daremos continuidade aos projetos voltados à agricultura familiar, ao Programa Socioambiental da Produção de Algodão (Psoal), às ações fitossanitá-

rias de combate ao bicudo e à busca de novos mercados.”

Gaúcha de Tapera, no interior do Rio Grande do Sul, Isabel da Cunha diz que a ampliação da presença das mulheres em postos de comando em entidades do agronegócio reflete o avanço da sociedade. “Como tudo um dia muda, esse cenário também está mudando. Por isso, um número cada vez maior de mulheres está tendo uma participação mais ativa à frente dos empreendimentos do agronegócio e, conseqüentemente, das entidades do setor”, afirma. Para ela, as mulheres devem dar continuidade ao trabalho feito pelos homens, sem se preocupar em competir com eles. “Temos é que buscar os resultados, que podem ser os mesmos alcançados pelos homens.”

Além de se destacar pela liderança, as mulheres também se projetam no mercado do agronegócio pelo desempenho profissional. Esse é o caso, por exemplo, da engenheira agrônoma Mônica Bergamaschi, diretora executiva da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto (Abag/RP). Ela coordena uma entidade que tem 15 homens como conselheiros. “A convivência aqui é extraordinária. Tenho 15 chefes homens e nunca tive qualquer problema por questão de gênero.”

De acordo com Mônica, o agronegócio é uma área promissora para as mulheres. “Há um potencial enorme para as mulheres no setor. Essa era uma área que as mulheres, de modo geral, não conheciam profundamente, mas viram que é possível ocupar espaço nela. Quando me formei, há 18 anos, sofri um pouco [de discriminação] em processos de seleção em algumas empresas. Ia até a fase final, mas sempre contratavam os meus concorrentes”, lembra. “De um tempo para cá, isso mudou bastante.” A contratação de Mônica pela Abag/RP é a prova da mudança.



CARLOS RUDINEY/ABRAPA

Isabel da Cunha: primeira mulher a ocupar a presidência da Abapa



DIVULGAÇÃO/ABAG

Mônica Bergamaschi: agrônoma é a diretora executiva da Abag/RP

Bolsa tem novo sistema de cadastro de negócios com algodão em pluma

Sinap vai oferecer dados detalhados sobre a comercialização do produto



Bolsa de Mercadorias atualiza cadastro sobre negócios com algodão

A cadeia produtiva do algodão mostra, mais uma vez, que é uma das mais modernas e organizadas do agronegócio brasileiro. Com o lançamento do Sistema de Cadastro de Informações de Negócios com Algodão em Pluma (Sinap), no mês passado, o setor passa a contar com um instrumento moderno e eficiente para obter informações estatísticas detalhadas sobre todas as transações comerciais realizadas no país. Além de ser uma radiografia completa sobre a comercialização do produto, o Sinap também contribuirá para dar suporte à elaboração de políticas públicas.

O sistema foi desenvolvido pela Bolsa Brasileira de Mercadorias com objetivo de criar condições para que todos os negócios de compra e venda de algodão em pluma no Brasil sejam transmitidos para um banco de dados. Com isso, será possível oferecer aos agentes envolvidos nessas operações melhores condições de planejamento para comercializar as safras brasileiras de algodão em pluma.

DADOS ESTATÍSTICOS

- Safra
- Tipo do produto
- Preço fixo ou a fixar
- Meses de entrega
- Quantidades
- Origem e destino do produto e condições de entrega

**Essas são as informações fornecidas pelo Sinap*

Com um maior número de informações, os produtores e os operadores de mercado poderão definir qual o momento mais apropriado para realizar seus negócios. O sistema receberá as seguintes informações sobre o algodão em pluma comercializado: safra, tipo do produto, preço fixo ou a fixar, meses de entrega, volumes, origem e destino do produto e condições de entrega.

As informações sobre negócios cadastradas no Sinap são confidenciais. Segundo o gerente de Operações de Mercados Físicos Agropecuários da Bolsa Brasileira de Mercadorias, Cesar Henrique

Bernardes Costa, elas somente são ativas no sistema, para geração de estatísticas, após os “aceites ou confirmações” das partes contratantes. O objetivo do “aceite” é evitar erros que possam comprometer as informações.

Com o novo sistema, os agentes e governos têm melhores condições de planejar a comercialização do algodão em pluma no Brasil. Isso porque o equilíbrio entre a oferta e a demanda é indispensável para a sustentabilidade da produção brasileira de algodão. Quanto mais cedo os agentes e as autoridades dos governos federal e estaduais tiverem dados sobre a comercialização antecipada da safra, maiores serão as oportunidades de corrigir possíveis distorções quanto à produção e à venda do produto.

Corretoras

Todos os negócios com algodão em pluma realizados e intermediados por corretoras de mercadorias associadas são registrados na Bolsa Brasileira de Mercadorias. Para tanto, as corretoras têm acesso automático aos formulários eletrônicos do sistema para cadastrarem as informações. As transações feitas por corretoras associadas estão submetidas aos regulamentos do Juízo Arbitral, de Registro de Negócios de Balcão e de Negócios de Algodão em Pluma no Mercado Disponível da Bolsa.

Os negócios que não são intermediados por corretoras associadas também podem ser informados no sistema, exclusivamente para fins estatísticos, mas não estão submetidos aos regulamentos da Bolsa Brasileira de Mercadorias. O gerente de Operações de Mercados Físicos Agropecuários da Bolsa destaca que a grande maioria dos negócios com algodão em pluma no Brasil já é intermediada por corretoras.

O usuário interessado em efetuar um cadastro de informação para fins estatísticos deverá procurar uma corretora para se credenciar no sistema. Para tanto, ele deverá preencher a documentação cadastral. Mais informações sobre o Sinap podem ser obtidas no site do BBM: www.bbmnet.com.br



Página do sistema no site da Bolsa já pode ser visitada por produtores

“O sistema será importante para o mercado saber realmente o que foi negociado e para quem foi comercializado”

Mário Reis, presidente da Junta dos Corretores



FOTOS: CARLOS RUDINEY/ABRAPA

João Pessa, ex-presidente da Abrapa: com o Sinap, o setor vai se planejar melhor

Criação do projeto mostra união da cadeia produtiva

O desenvolvimento do Sistema de Cadastro de Informações de Negócios com Algodão em Pluma (Sinap) pela Bolsa Brasileira de Mercadorias envolveu todos os elos da cadeia produtiva do setor. A Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), a Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (Anea), a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit) e a Junta de Corretores de Algodão deram apoio decisivo para que a Bolsa Brasileira de Mercadorias desenvolvesse o Sinap.

“Esse sistema era um antigo anseio do setor para termos informações mais completas sobre a quantidade de algodão em pluma comercializada para os mercados interno e externo e sobre os meses de embarque do produto, entre outros dados”, diz o presidente da Abrapa, Haroldo Cunha. “Vamos ter uma visão dos negócios pré-fixados, por meio dos contratos futuros”, acrescenta o ex-presidente da entidade e conselheiro consultor João Luiz Pessa. “Essa é uma ferramenta importante para política de médio prazo [do produto]”, reforça o conselheiro consultor.

O Sinap auxiliará no planejamento do setor, destaca Pessa. “O conhecimento sobre os valores e a quantidade dos contratos futuros ajudará a planejar a intenção de plantio. Sabemos que o consumo brasileiro sempre fica entre 900 mil, 1 milhão ou 1,1 milhão de toneladas. Se tivermos a previsão de uma safra de 1,4 milhão, 1,5 milhão de toneladas, saberemos que haverá 400 mil ou 500 mil toneladas excedentes. Dessa forma, é possível pedir ao governo para ter uma política para administrar melhor o excesso de oferta.”

O vice-presidente da Anea, Marco Antônio Aloisio, assinala que o Sinap também é um importante instrumento para planejar o escoamento da safra de algodão. “Com as estatísticas sobre exportação por período, é possível programar os portos e a logística dos embarques.” Integrante do comitê do algodão da Abit, Pocho Silveira completa: “O Sinap é um mecanismo que permite ao mercado ver, online, todos os negócios feitos durante o dia, a semana e o mês. Vamos saber quanto foi destinado à exportação e quanto será consumido no mercado interno.”

De acordo com o presidente da Junta dos Corretores, Mário Reis, o país precisava ter um sistema como o Sinap. “O Brasil carecia de informações estatísticas. Isso será muito importante para o mercado saber realmente o que foi negociado e para quem foi comercializado. Com isso, vamos ter transparência do que há disponível no mercado [de algodão], o que é bom para os corretores, para a indústria e para os produtores.”

O gerente de Operações de Mercados Físicos Agropecuários da Bolsa Brasileira de Mercadorias, Cesar Henrique Bernardes Costa, explica que o Sinap fornecerá dados mais precisos sobre o andamento da comercialização do produto no país. “O sistema antigo disponibilizava poucas informações. Neste segundo sistema, o número de informações é maior. Com isso, temos condições de fazer relatórios mais ricos.” Com a permissão para o cadastramento dos negócios que não são intermediados por corretores, é possível que o Sinap alcance quase 100% de todas as transações com algodão feitas no país.

Algodão tem oferta escassa no mercado

O fim da colheita do algodão no Brasil revelou que as previsões do mercado cotonicultor estavam certas. A oferta da fibra tanto no mercado externo quanto no interno manteve-se escassa. Vários fatores contribuíram para este cenário: a redução da produção brasileira de algodão em caroço em 2,5% e 2,7% no algodão em pluma; as perdas no Paquistão; a restrição de exportação da Índia; a diminuição dos estoques globais; e a queda na qualidade das lavouras. Com isso, o que se percebe é um cenário positivo no valor final do produto e a retomada em investimentos feitos pelos produtores rurais.

Em Goiás, a situação não foi diferente, em comparação ao resto do país. Segundo levantamento divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o estado sofreu retração na área plantada de 1%, enquanto houve redução na produção de 8% e de 7% na produtividade. Um resultado já esperado devido à migração de área, que antes era destinada ao algo-



DIVULGAÇÃO/CASA DO ALGODÃO

Área de algodão cultivada no estado de Goiás na safra 2009/2010

dão e que atualmente é usada para o cultivo de soja e milho, e ao custo de produção, que tem se apresentado bastante alto.

Mas, se por um lado Goiás apresenta queda nos índices de produção de algodão, por outro, o estado se destaca pela qualidade da pluma produzida. Comparado ao restante do país, a produtividade goiana é a maior do Brasil, alcançando 1.542 quilos por hectare. Segundo o presidente da Associação Goiana dos

Produtores de Algodão (Agopa), Marcelo Swart, isso ocorre devido à manutenção de investimentos que os produtores goianos dispõem em suas lavouras. Para ele, o trabalho de pesquisa promovido pela Fundação de Apoio à Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário de Goiás (Fundação Goiás), com os recursos do Fundo de Incentivo à Cultura do Algodão em Goiás (Fialgo), é um dos fatores que contribuem para a manutenção da qualidade da fibra durante períodos de baixa no mercado.

Brasil

Assim como em Goiás, a produção de algodão no Brasil sofreu queda na safra 2009/2010. A retração ocorreu principalmente devido às expressivas reduções de áreas na Região Nordeste do país, aliada ao recuo na produtividade nos estados da Região Centro-Sul, ocasionado por fatores climáticos desfavoráveis durante a fase reprodutiva.

Clima reduz produção de algodão em MS



DIVULGAÇÃO/AMPASUL

Safra de MS teve redução de cerca 15%, segundo cálculo feito pela Ampasul

O excesso de chuvas ocorrido no início da cultura do algodão, no período de dezembro de 2009 a março deste ano, afetou inicialmente a germinação e o desenvolvimento das plantas, retendo o seu crescimento. Ainda no final do ciclo, o algodão também sofreu com a falta de chuvas, o que prejudicou a formação e enchimento das maçãs do algodoeiro, especialmente o "ponteiro" da planta. Com isso, a produção da safra 2009/2010 ficou comprometida, resultando numa redução de aproximadamente 15% na produtividade. O estado de Mato Grosso do Sul esperava colher em média 63 mil toneladas, mas a produção não deverá ultrapassar 53 mil, uma diminuição de 10 mil toneladas na oferta de algodão do estado.

No entanto, ao contrário da produtividade, o tipo do algodão produzido nesta safra superou os anos anteriores. O algodão teve uma excelente característica de fibras e tipo médio padrão. O mercado comprador aquecido e a pouca oferta de

produto fizeram com que o produto tivesse uma aceleração na sua comercialização pelos produtores, que aproveitaram o bom momento dos preços.

Estima-se que, entre os negócios por troca de insumos e vendas, mais de 70% da safra já tenha sido comercializada. Para a safra 2010/2011 espera-se um aumento de cerca de 30% da área plantada em Mato Grosso do Sul, podendo chegar em 50 mil hectares. Além dos produtores tradicionais, novos agricultores devem entrar na atividade para o próximo ano.

De acordo com a Associação Sul-Mato-Grossense dos Produtores de Algodão (Ampasul), é importante que os produtores definam exatamente a sua programação de plantio de algodão, considerando o valor dos insumos para o custeio da próxima safra e as cotações do produto no mercado futuro, além de prever a realização de um plantio, manejo e colheita corretamente dentro dos padrões de qualidade e controle de pragas.

Produtores do norte de MG debatem retomada da produção de algodão

DIVULGAÇÃO/AMIPA

O Projeto de Retomada do Algodão no Norte de Minas foi o tema do workshop realizado em Catuti no dia 20 de agosto. O evento foi organizado pela Cooperativa de Produtores de Algodão de Catuti (Coopercat), com apoio da Associação Mineira dos Produtores de Algodão (Amipa) e da prefeitura do município. Ao final da reunião, o chefe da Embrapa Algodão, Napoleão Esberard Macedo, assumiu com os cotonicultores da região o compromisso de instalar um centro de pesquisa da empresa estatal em Catuti.

Além do chefe da Embrapa Algodão, o workshop contou com a presença de representantes das demais instituições parceiras do Projeto de Retomada do Algodão no Norte de Minas: Banco do Nordeste, Banco do Brasil, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), entre outras. O

encontro teve a participação maciça de agricultores da região.

Durante o evento foram realizadas visitas às miniusinas de beneficiamento e aos produtores rurais. Os participantes do workshop também acompanharam o início dos trabalhos de conservação do solo com a implantação de terraços em curvas de nível. Ao final do dia, os cotonicultores da região assistiram a palestras com informações relevantes sobre o setor, no auditório da Câmara Municipal da Catuti.

O diretor executivo da Amipa, Lício Pena, foi o mediador do workshop. Ele destacou a importância do algodão no norte mineiro para o fortalecimento da agricultura familiar. Já o coordenador técnico do Projeto de Retomada do Algodão, José Tibúrcio, falou sobre os trabalhos desenvolvidos pelos agricultores familiares que participam da iniciativa.

Em seguida, o chefe da Embrapa Algodão fez palestra sobre as perspecti-



Workshop em Catuti discute expansão das áreas de plantio da cultura na região

vas do algodão na agricultura familiar e o futuro da atividade.

No encerramento do evento, o prefeito de Catuti, Hélio Pinheiro, agradeceu a presença de todos e ressaltou a importância do projeto para a região do semiárido.

Estudo da FGV vai apontar potencial do agronegócio no oeste da Bahia

DIVULGAÇÃO/ABAPA

“Estudo Analítico das Cadeias Produtivas do Algodão, Soja e Milho do Oeste da Bahia e Alternativas para a Verticalização da Produção”. Este é o nome do projeto que a Fundação Getúlio Vargas (FGV) começou a desenvolver naquela região do estado. O projeto é uma iniciativa da Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia e conta com o apoio da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), Associação Baiana dos Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), Fundação Bahia, secretarias estaduais da Agricultura e da Fazenda do Estado e instituições privadas ligadas ao setor do agronegócio.

O projeto é financiado com recursos provenientes do Fundo para o Desenvolvimento do Agronegócio do Algodão (Fundegro). Por intermédio do trabalho, os parceiros no projeto pretendem identificar os problemas enfrentados pela agropecuária no oeste baiano e oferecer subsídios aos governos federal e estadual



Representantes do agronegócio baiano e da FGV definem projeto

para elaborar políticas públicas a fim de resolvê-los para contribuir com o desenvolvimento do setor.

O trabalho deve ser concluído pelo Centro de Estudos do Agronegócio da FGV num prazo de quatro a cinco meses. O projeto tem os seguintes objetivos específicos: 1) apresentar um estudo de mapeamento e quantificação do complexo agroindustrial do algodão, soja e milho no oeste da Bahia; 2) apresentar um estudo da tributação sobre o complexo industrial; 3) apre-

sentar um estudo das possibilidades de verticalização da produção de algodão, soja e milho e estratégias de verticalização do completo industrial; 4) apresentar um estudo da infraestrutura e logística de distribuição e armazenagem.

A Bahia é hoje o oitavo produtor nacional agropecuário. Na safra 2010, a previsão é que a produção baiana de grãos cresça em torno de 8,9%. Nesse contexto, a Abapa entende com fundamental a execução do projeto para analisar as potencialidades do algodão, soja e milho no oeste do estado e delinear as alternativas de verticalização da produção.

A meta do setor é que o estado passe a exportar produtos manufaturados, contribua para estabilização do abastecimento do mercado interno e possa gerar mais empregos na atividade agropecuária. O projeto possibilitará o acompanhamento de cada cadeia produtiva, desde a porteira das propriedades rurais até o momento em que os produtos se convertem em commodities ou são destinados ao consumo nacional.

Queda na safra em MT é compensada com aumento de preço da arroba

O presidente da Associação Mato-Grossense dos Produtores de Algodão (Ampa), Gilson Ferrúcio Pinesso, considera a acentuada estiagem no estado, no final de março e durante o mês de abril, o principal fator para a queda na produtividade da safra 2009/2010. “Quando tudo indicava que seria maravilhoso, fomos surpreendidos com a falta de chuvas”, disse Gilson Pinesso.

Nas contas dele, de acordo com os dados apontados pela Ampa, a quebra deve atingir entre 22% e 25% da produtividade de algodão. Apesar desse resultado, Gilson Pinesso afirmou que o setor, em parte, está sendo compensado com a reação dos preços no mercado. A arroba de 15 quilos, que seria vendida em torno de R\$ 42 a 45, está sendo comercializada a R\$ 70. “Isso anima os cotonicultores e dá, pelo menos, para equilibrar os prejuízos”, destacou.

O presidente da Ampa acredita que a



DIVULGAÇÃO/AMPA

Gilson Pinesso: estiagem prejudicou produção de algodão em MT

próxima safra (2010/2011) terá aumento expressivo de área plantada e, conseqüentemente, de produção. “É lógico que tudo vai depender das chuvas”, disse, assinalando que o termômetro para uma colheita favorável será a chegada de chuvas no final de setembro, quando se inicia

o plantio de soja. “Nossa expectativa é plantar soja mais cedo para, em seguida, plantar algodão na segunda safra, que é quando começamos a contabilizar a nossa maior escala de produção.”

Gilson Pinesso acredita, com base nos levantamentos da Ampa, que os cotonicultores de Mato Grosso vão plantar no mínimo entre 500 e 530 mil hectares de algodão na próxima safra. Na safra 2009/2010 foram plantados cerca de 428 mil hectares.

Ele confia também que a tecnologia do algodão adensado crescerá na safra 2010/2011. “Muitos produtores, depois dos resultados conquistados, irão investir nesse sistema”, assegurou o presidente da Ampa, informando que nesta safra foram plantados 51.290 hectares. “A tendência é aumentar, uma vez que essa tecnologia, utilizada há anos nos Estados Unidos e Argentina, reduz o custo de produção.”



Vem aí o 8º Congresso Brasileiro do Algodão & Cotton Expo 2011

Os preparativos para a realização do próximo Congresso Brasileiro do Algodão estão a todo vapor. Capiteada pelo presidente do congresso, Ronaldo Spirlandelli Oliveira, a organização tem a participação estratégica de uma agência de comunicação e marketing – a Stap, de São Paulo. Estrutura-se assim uma equipe pronta para atender todas às demandas que envolvem a realização de eventos deste porte.

A cada nova edição o Congresso tem sistematicamente crescido em participantes e importância. Segundo Spirlandelli, o congresso é hoje o mais importante ponto de encontro de produtores e técnicos interessados em conhecer e debater os problemas do setor e buscar soluções para a cultura do algodão. “Em Foz do Iguaçu, o tema que mais suscitou interesse foi o algodão adensado. Já vamos para a terceira safra comercial dessa modalidade e o congresso será oportuno para debatermos seus benefícios, implicações e resultados.”



DIVULGAÇÃO/APP

Ronaldo Spirlandelli está à frente da organização do evento

De acordo com Spirlandelli, o contencioso do algodão do Brasil com os Estados Unidos, na Organização Mundial do Comércio (OMC), por causa dos subsídios concedidos por aquele país aos seus cotonicultores, deu visibilidade ao produto brasileiro, “mas é a cultura como um todo e o papel fundamental da cadeia têxtil do país e de tudo o que ela agrega que conferem importância especial ao Congresso. A Cotton Expo também cresce a cada edição e

aqui, em São Paulo, estaremos com novos expositores e vários setores que não participavam do evento”.

Ainda segundo Spirlandelli, as vendas de estandes seguem a todo vapor, sendo esperado o fechamento total da área de feira até o final de setembro. Com relação aos congressistas, também há uma expectativa otimista. São Paulo oferece a melhor malha aérea, hotéis de todas as categorias e a melhor logística do país. A disponibilidade de voos internacionais é muito grande e isso deve contribuir para um número recorde de participantes do exterior.

“A comissão científica, liderada pela Embrapa Algodão, está ultimando os trabalhos, levando-se em conta um tempo maior para cada palestra e minicurso. Nossa estratégia, da Appa e Abrapa, está se mostrando acertada e o foco na profissionalização do congresso, com certeza, trará melhores resultados para os expositores e congressistas”, diz Spirlandelli.



Algodão brasileiro, futuro promissor

Brasil pode ser líder mundial de exportações de algodão

O Brasil pode vir a ser, num futuro próximo, o maior exportador mundial de algodão, diz o presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Alexandre Aguiar. Segundo ele, o país tem terra disponível, clima favorável e pleno domínio da tecnologia de cultivo para passar da quarta para primeira posição no ranking dos maiores exportadores de algodão. Ainda de acordo com Aguiar, o Brasil deve ganhar oito novos armazéns públicos para estocar a produção agrícola. A seguir, os principais trechos da entrevista do presidente da Conab ao *Jornal da Abrapa*.

Jornal da Abrapa: Quais foram os fatores que contribuíram para uma safra de 147,1 milhões de toneladas em 2009/2010?

Alexandre Aguiar: Primeiramente, temos que reconhecer a tradicional coragem e empenho do produtor na realização da sua atividade, que não mede esforços em perseguir os melhores resultados, quando coloca boa parte de seu capital sob risco e usa as melhores tecnologias agrícolas disponíveis. Em seguida, temos as condições climáticas que, na maioria das regiões, foram favoráveis às culturas. Por último, as perspectivas de bons preços influenciaram nos maiores cuidados com os tratamentos culturais.

JA: Um dos gargalos da agricultura brasileira é o armazenamento de grãos. O país vai ganhar novos armazéns?

AA: A capacidade atual de armazenamento da Conab é de 134 milhões de toneladas. Hoje, a Conab possui 100 unidades armazenadoras. Os armazéns têm uma capacidade de mil toneladas e as perspectivas são de modernizar e aumentar para 2 mil toneladas. A previsão é de que sejam criados mais oito armazéns no Brasil.

JA: Como a Conab controla a capacidade de estocagem do país, seja em armazéns públicos ou privados?

AA: Por meio do Sistema Nacional de Cadastro de Unidades Armazenadoras (Sicarm), a Conab realiza periodicamente o Censo das Unidades Armazenadoras para atualizar o banco de dados do sistema. A companhia tem investido em tecnologia da informação para obter um diagnóstico preciso da situação de estocagem do país. Com base nos dados desses levantamentos, o governo fica sabendo onde há carência de unidades armazenadoras e quais tipos de estruturas são necessárias para cada região.

JA: Quais os investimentos feitos pela Conab, nos últimos anos, para melhorar o seu serviço de previsão de safra?

AA: A Conab faz avaliações de safras desde 1970 para dispor de informações para uso próprio, na sua missão de regular o abastecimento e para subsidiar o governo na implementação das políticas públicas. Nos últimos anos, a companhia, em cooperação com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, vem investindo recursos e tem feito parcerias com instituições de pesquisas e universidades que disponham de tecnologias e órgãos estaduais com interesses comuns, objetivando incorporar melhorias nos processos de coleta de dados e informações acerca de safras agrícolas (grãos, incluindo o café, e cana-de-açúcar).

JA: Que tecnologias são essas?

AA: Entre essas tecnologias, podemos citar os modelos agrometeorológicos, que permitem uma visão mais detalhada dos efeitos climáticos e o uso de imagens de satélites para identificar áreas cultivadas com maior precisão em casos mais específicos. Mais recentemente, estamos adequando novos modelos estatísticos usados com amostras de estabelecimentos rurais identificados pelo Censo Agropecuário do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que é o nosso principal parceiro nessa tarefa e com o qual trabalhamos em perfeita sintonia para que não haja divergências numéricas.

JA: Como o senhor analisa o atual momento da cadeia produtiva do algodão?

AA: O mercado de algodão passa atualmente por uma situação atípica. Em pleno período de colheita e beneficiamento, os preços da matéria-prima voltaram a subir no mercado interno. O comportamento de alta deve-se a muitos fatores. Entre eles, estão as perdas nas lavouras contabilizadas pela Conab na safra atual, da ordem de 104 mil toneladas, e os preços internacionais elevados, haja vista a escassez do produto no atual período de entressafra.

JA: O que o país deve fazer para suprir a falta do produto?

AA: Diante desse quadro de escassez do produto, já se prevê que, no encerramento do exercício, o volume dos estoques de passagem, ora estimados em 276 mil toneladas, não será suficiente para fazer frente às necessidades da demanda no período de entressafra. Como a indústria têxtil não pode parar, até porque a tendência é que a demanda no mercado interno continue aquecida, elas terão que complementar as necessidades de consumo com a importação.

JA: Como o senhor vê a perspectiva do setor para os próximos anos?

AA: A perspectiva para o Brasil é a melhor possível. A tendência é que a demanda pela matéria-prima no mundo continuará crescendo. Muitos países que hoje produzem algodão já não dispõem de terras para incrementar a produção e fazer frente à crescente demanda. O Brasil tem terra disponível, clima favorável e domínio pleno da tecnologia do cultivo do algodão. Podemos sair, em um futuro próximo, da posição de quarto maior exportador para a condição de primeiro exportador mundial do produto. Para a safra 2010/11, o mercado já trabalha com expectativa de crescimento de área da ordem de 20%, passando dos atuais 836 mil hectares para algo em torno de 1 milhão de hectares.

ALGODÃO

80º CONGRESSO
BRASILEIRO

COTTON EXPO 2011

UM EVENTO DO TAMANHO DE SÃO PAULO

19 a 22
Setembro
2011
Expo Center Norte

Informações e inscrições:
www.cba2011sp.com.br

MAIS DE 100 PALESTRANTES.

O universo produtivo em dia com a pesquisa e desenvolvimento. Previsão de casa cheia nas conferências, palestras, mesas-redondas, minicursos e salas especializadas.

COTTON EXPO COM FORÇA TOTAL.

Produtos, serviços e novas tecnologias, numa feira exclusiva do setor. Novos segmentos de mercado, maiores áreas, mais expositores.

Promoção:



Realização:



Apoio Científico:



Organização:

